

METODOLOGIA DE COLETA DE DOCUMENTOS PARA BASES DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS

VERA LUCIA DOYLE LOUZADA DE MATTOS DODEBEI

Curso de Arquivologia da UNI - RIO

20000 Rio de Janeiro, RJ

O presente trabalho estabelece a seqüência de ações compreendidas no esforço de coletar literatura para a formação e manutenção de base de dados bibliográficos no campo da energia, onde são consideradas a produção literária do setor energético, a escolha e determinação dos segmentos dessa produção e os usuários potenciais para ingresso no sistema de informações bibliográficas. Descrevem-se as etapas pertinentes ao sistema de coleta de literatura, desde a localização de fontes terciárias até a aquisição do documento primário.

1. INTRODUÇÃO

O acesso a acervos bibliográficos para atender à demanda de informações de determinados campos do conhecimento é tarefa complexa. As opções de oferta de Serviços de Disseminação Seletiva de Informações (DSI) e Busca Retrospectiva (BR) em bases de dados automatizadas podem variar desde a aquisição de fitas magnéticas existentes em outra instituição, a cessão de uso dessas fitas, através de redes de transmissão, até a formação de base de dados própria, mediante a coleta sistemática da literatura.

A aquisição e a cessão de uso de bases de dados requerem o estudo minucioso acerca da qualidade do acervo bibliográfico incorporado, assim como das facilidades de adaptação ao formato utilizado no tratamento das informações, além das disponibilidades financeiras para arcar com os custos da aquisição, que são, em sua maioria, elevados.

Caso exista no mercado oferta da base de dados de interesse, e as questões de qualidade, formato e custos estejam resolvidas, resta ainda a dificuldade de localização e obtenção do documento primário solicitado pelo usuário, a fim de completar o ciclo informativo a que se propõe um centro de informações.

As rotinas que envolvem a utilização de bases de dados já constituídas não são objeto deste trabalho.

O objetivo principal deste estudo é oferecer uma metodologia que oriente bibliotecários e técnicos de serviços de informação na constituição de bases de dados próprias, quando não são oferecidas no mercado outras que supram a demanda do campo de conhecimento pretendido.

A preocupação que se apresenta no momento de criar uma base de dados é a da análise do potencial bibliográfico e seus autores, assim como das facilidades e das restrições quanto à obtenção da literatura gerada por tal produção. Na verdade esta é uma preocupação dos centros de informação que, em função de otimizar recursos internos, resolvem expandir seus serviços a usuários de outros setores, mas ainda não contam com uma rede estável de captação de documentos para alimentação da nova base de dados.

Essa captação de documentos é tarefa extremamente envolvente e sua rotina ainda não foi descrita, ou melhor, divulgada pelos canais formais da literatura.

Por outro lado, o tema energia foi escolhido para exemplificar o encadeamento das ações da coleta de literatura, em primeiro lugar por ser um campo de conhecimento multidisciplinar, apresentando sua produção bibliográfica dispersa em várias fontes de informação, e em segundo, por ter sido o foco dos trabalhos localizados e que discutem a constituição de bases de dados automatizadas.

De uma maneira geral a metodologia apresentada nos estudos voltados para a formação de bases de dados bibliográficos concentra-se muito mais na seleção de periódicos para compor coleções básicas do que na determinação de fontes de informação e nas rotinas que compõem o binômio LOCALIZAÇÃO (fonte produtora) / OBTENÇÃO (documento).

Segundo uma cronologia dos estudos levantados sobre o assunto, destacam-se três trabalhos bastante significativos.

O primeiro estudo foi delineado por Gilda G. de Queiroz (5), quando da experiência desenvolvida pelo Centro de Informações Nucleares, da Comissão Nacional de Energia Nuclear, para a formação da Bibliografia Brasileira de Energia Nuclear, onde são apresentados não só os critérios adotados para a reunião de fontes e sua ordenação, mas também os resultados obtidos através das ações desenvolvidas para cada uma das fases: implantação e expansão.

O segundo estudo, também de G. G. Queiroz (4), apresenta os conceitos básicos para a formação de bases de dados automatizadas, dando especial enfoque à criação de uma estrutura de coleta, cujas ações seriam um encadeamento de pontos que se alimentam reciprocamente: localização de fontes primárias e secundárias — identificação de referências bibliográficas — coleta de originais, num ciclo que envolve autores, instituições e documentos.

A terceira contribuição, de Dagmar Marek (3), orienta os centros nacionais do International Nuclear Information System (INIS) na organização de coleções de cada país-membro, para alimentação de sua base de dados, enfocando as características particulares da localização de fontes de informação — primária, secundária

ria e terciária, os meios de obtenção do documento primário, bem como os procedimentos de registro e catalogação.

Tanto Marek como Queiroz apontam os caminhos básicos para a obtenção do documento primário, sendo que a primeira volta sua atenção mais para a fase inicial do processo de formação de bases de dados, e a segunda para a dinâmica permanente das ações da coleta, com o fim de manutenção da base de dados.

2. FONTES DE INFORMAÇÃO EM ENERGIA NO BRASIL

2.1 — Produção de Informações

Levando-se em consideração que as fontes de energia englobam carvão, petróleo, gás natural, xisto, combustíveis usados em fusão, hidrogênio, energia solar, eólica, geotérmica, das marés, etc., além dos aspectos do ciclo energético, que devem ser também considerados (produção — conversão — armazenagem — transporte), o volume de informações produzidas e de interesse para o usuário de uma base de dados em energia é muito extenso e complexo no que se refere à interdisciplinaridade de áreas, aliada à própria utilização ou ao objetivo imediato da obtenção da informação.

De acordo com relatório da UNESCO (7) sobre a formação de um sistema de informação internacional para fontes alternativas de energia, o desenvolvimento e a aplicação de fontes alternativas de energia buscam informações da física, das ciências biológicas e ambientais, da engenharia, da produção, da economia, do planejamento e do treinamento, em vários níveis, desde a educação universitária até os programas de extensão rural.

Tal espectro de disciplinas e interesses são classificados pela UNESCO dentro dos seguintes itens:

a) Sócio-cultural

Padrões de utilização de energia;
compatibilidade com padrões culturais;
impacto ambiental;
aspectos políticos.

b) Científico

Métodos e técnicas (medidas, registros, interpretações);
dados específicos (quantidades de radiação solar, dados sobre a força do vento, etc.).

c) Tecnológico

Propriedades das matérias-primas, produtividade das fontes;
características de instalação, manutenção e confiabilidade técnica dos equipamentos.

d) Econômico

Custos de instalação e operação;

custos comparativos das diferentes fontes de energia e equipamentos;
taxa de utilização, potencial de mercado;
potencial econômico de fontes viáveis de energia.

Esses interesses vão, por um lado, determinar o universo de usuários potenciais para a área de energia, que podem ser:

políticos, planejadores, legisladores e administradores;
pesquisadores;
engenheiros e tecnólogos;
fabricantes e fornecedores;
pessoal de assistência técnica e extensão rural;
público em geral.

Por outro lado, vão confirmar que o universo de instituições fontes de informação é extenso, descentralizado e interdisciplinar.

Essa classificação se aplica tanto a países industrializados como em via de desenvolvimento, estando perfeitamente de acordo com a situação brasileira. A diferença básica entre tais níveis de desenvolvimento se deve a um maior controle das instituições e entidades ligadas à produção, disseminação e guarda das informações sobre energia.

O primeiro passo no conhecimento de que instituições produzem, disseminam ou controlam informações no campo da energia foi dado com a publicação do guia **Fontes de Informação em Energia no Brasil (1)**, editado pelo IBICT.

2.2 – Determinação de áreas prioritárias e usuários segundo o campo de atuação

Com base na classificação de usuários, mencionada no item anterior, um ponto importante para a delimitação da base de dados ou a prioritização das ações de coleta de documentos é o da determinação das classes de usuários a serem atendidos através do projeto. Isto porque, se os serviços produto da base de dados vão ser oferecidos somente a pesquisadores, por exemplo, está configurada uma base de dados bibliográficos, delimitado o universo institucional de fontes de informação e, conseqüentemente, configurada uma política de seleção de documentos, que deixa de fora, por exemplo, a literatura relacionada com os aspectos político-econômicos do assunto energia, ou a documentação gerada para assistência técnica e extensão rural.

Por outro lado, como no início da formação de uma base de dados torna-se necessário conhecer todo o universo produtor de informações, para se assegurar da cobertura de todas as fontes de energia, naturalmente a limitação de classes de usuários se dará em função das avaliações constantes que se farão no tocante ao uso da informação oferecida.

No entanto, deve-se ter bastante claro que existem áreas prioritárias, definidas pela própria política energética brasileira, que deverão ser conhecidas, para acelerar a coleta da literatura pertinente.

Os critérios de seleção e tempo de processamento dos documentos já coletados devem, portanto, obedecer a um equilíbrio de cobertura das áreas específicas, quando isto for possível.

Isto quer dizer que os esforços de coleta devem ser concentrados nos campos da energia ainda não cobertos pela base de dados, até que estejam definidos os campos-clientes.

3. SISTEMA DE COLETA

Tendo em vista conhecer o que é produzido em termos de literatura, como, para quem e quando é divulgada essa literatura, deve-se ter, por um lado, o conhecimento das instituições produtoras de tais informações e, por outro, do tipo de literatura gerada dentro da classificação bibliográfica de convencional e não-convencional. Isto porque, mesmo não havendo o contato direto com a instituição-fonte, existem mecanismos de localização de literatura em fontes secundárias e terciárias, ou seja, bibliotecas, centros de documentação, bibliografias, catálogos e índices especializados.

No Brasil publica-se pouco em relação a outros países e, portanto, a massa de informações que alimenta a pesquisa técnico-científica está concentrada na literatura não-convencional (relatórios de pesquisa, trabalhos apresentados em congressos, reuniões) e na literatura convencional estrangeira.

A literatura não-convencional é, portanto, vista com duas grandes vantagens: em primeiro lugar, pelo volume e diversificação de informações reunidas e, em segundo lugar, pela novidade ou atualidade da informação, já que sabemos que no campo da pesquisa e desenvolvimento a publicação de uma monografia, quando acontece, se dá, normalmente, de 2 a 3 anos após o início do projeto de pesquisa.

Fica, portanto, configurada a necessidade de localização de instituições-fonte de informação em energia como primeiro passo nas ações da formação da base de dados, pois esta parece ser a forma mais eficaz de se obter a literatura por elas gerada.

As ações relativas à coleta de literatura se dão em dois estágios: localização das fontes produtoras de informação e análises permanentes dos documentos coletados, com o objetivo de localização de outras fontes (documentos, pessoas, instituições).

3.1 – Ações iniciais

3.1.1 – Localização de fontes de informação

Uma matriz de indicadores de fontes para localização de documentos primários foi delineada, onde estão relacionados, nas linhas, os tipos de documentos primários, e nas colunas, as fontes primárias, secundárias e terciárias para cada um

Metodologia de coleta de documentos . . .

deles, ficando assim configurado que uma fonte pode ser secundária para um tipo de documento e primária para outro. (Figura 1)

Documentos Primários*	Fontes de Informação		
	PRIMÁRIAS	SECUNDÁRIAS	*TERCIÁRIAS
Relatórios Técnico – Científicos	Listas de Projetos de Pesquisa Relatórios Anuais Boisas de Estudos Concedidas	Inst. de Apoio à Pesquisa Inst. de E e P Inst. de Apoio à Pesquisa	Diretórios de Órgãos Governam. Diretórios de Inst. de Ensino e Pesquisa
Trabalhos de Congressos	Anais Listas de Preprints Relatórios Anuais Agendas Revistas Curriculum Vitae (Autores) Informativos Associações	Catálogo de Bibliotecas Instituição Patrocinadora Inst. de E e P Revistas Associações de Classe	Diretórios de Bibliotecas Diretórios de Instituições Catálogos de Editores Quem é Quem/Usuários Lista de Associações
Teses/Dissertações	Catálogo de Teses Relatórios Anuais Artigos Bibliografias Citações Bibliográficas Curriculum Vitae (Autores)	Catálogo de Bibliotecas Inst. de E e P Revistas Bibliografias Secundárias Artigos	Bases de Dados (outras)
Artigos	Revistas Bibliografias Citações Bibliográficas Curriculum Vitae (Autores)		
Livros	Bibliografias Catálogo de Bibliotecas Catálogo de Editores Agendas (revistas)		
Patentes	Bibliografias Revistas Informativos		
Literatura de Extensão Rural	Programas de Assistência Rural Bibliografias Catálogo de Bibliotecas Catálogo de Editores Agendas (revistas)	Instituições de Assistência Rural	
Legislação	Diário Oficial	Coleções de Leis Bibliografias	
Estatísticas	Publicações Oficiais Artigos	Órgãos Governamentais (Planej., Política, Controle)	
Relatórios de Análises Setoriais	Consultores Empresas	Empresas	
Folhetos Comerciais	Feiras/Exposições Anúncios Comerciais Empresas	Calendário de Eventos Revistas	Hotéis Firmas Organizadoras Órgãos Governamentais

AUTORES

CENTROS REFERENCIAIS

Figura 1 – Indicadores de fontes para localização de documentos primários

- * Ordenação por fases da comunicação técnico-científica e em função do conteúdo.
- ** Ordenação por potencial condensado de informações.
- *** Ponto de partida da coleta (ações iniciais).

O objetivo do desenvolvimento dessa matriz foi o de observar:

- a) quais as fontes terciárias mais comuns a todos os tipos de documento primário;
- b) qual o caminho a percorrer na localização de cada tipo de documento primário.

Os documentos primários foram ordenados por fases da comunicação técnico-científica, em função da importância de conteúdo, e as fontes ordenadas dentro de cada item, por potencial condensado de informações.

A par de ser comum obter-se o documento primário por qualquer de suas fontes, o último estágio — fontes terciárias — é o ponto de partida nas ações iniciais da coleta.

3.1.1.1 — Seleção e contato

Como ponto de partida podem-se apontar os seguintes guias e indicadores que levam às instituições-fonte de informação em energia:

a) No Brasil

Diretório de Entidades Atuantes em Ciência e Tecnologia de Minas Gerais;
Diretório de Entidades Atuantes em Ciência e Tecnologia no Estado do Rio de Janeiro;

SELAP — Sistema em Linha de Acompanhamento de Projetos;
Cadastro Brasileiro de Cooperação Técnica;
Fontes de Informação em Energia no Brasil.

b) No Exterior

International Research Centers Directory.

A seleção das instituições de interesse, dentro dos guias gerais de ciência e tecnologia, se dará em função de uma classificação básica de assuntos e áreas, que podem ser obtidos no tesouro utilizado para a indexação dos documentos.

O contato com as instituições selecionadas se dará em vários estágios:

a) Contato Pessoal

Todos os trabalhos mencionados enfocam a necessidade do contato pessoal para a localização de literatura, principalmente aquela não-convencional, o que reforça o ponto de vista de que tal contato é extremamente importante na obtenção do documento primário para a formação de bases de dados.

Segundo Posnett (6), "geralmente a literatura não-convencional é somente descoberta quando visitas são feitas às instituições que as produzem, já que a literatura não-convencional é inacessível ao usuário, por pouca disseminação e por falta no acompanhamento e obtenção dos documentos por parte dos serviços secundários"; e que, portanto, devemos "explorar ao máximo o contato com o produ-

tor, estreitar os contatos com as bibliotecas em nível pessoal e acompanhar sistematicamente eventos tais como seminários, congressos e encontros pertinentes ao tema”.

Um outro aspecto é o de que o contato pessoal com algumas instituições selecionadas para amostra desse tipo de contato vai familiarizar o responsável pela coleta de documentos com as instituições que geram literatura no campo pretendido. Segundo a UNESCO, as informações relevantes para o desenvolvimento de pesquisas em energia estão disponíveis em várias instituições não comumente identificadas, primariamente, com aspectos energéticos.

Marek, quando enfoca a coleta de documentos em instituições de pesquisa, diz que “o contato pessoal com os editores de documentos de pesquisa é viável e a experiência mostrou que tal contato é uma garantia melhor para o intercâmbio de informações do que a simples troca de correspondência”.

O esforço de coletar a literatura deve ser, portanto, grande na fase inicial, no sentido de:

- estudar e determinar áreas de atuação;
- determinar classes de usuários;
- localizar instituições-fonte de informação;
- efetuar contatos pessoais iniciais para conhecimento da produção literária.

Para que o envio dos documentos não seja considerado isolado com relação a uma determinada publicação, a coleta de literatura deve ser entendida pelas instituições como uma troca de serviços contínua e permanente.

Para atingir tais objetivos poder-se-ia elaborar um programa de visitas, onde parte fosse contato pessoa a pessoa a parte reuniões e palestras com bibliotecários e pessoal envolvido na disseminação e guarda dos documentos.

b) Contato por correspondência

Esta é uma ação contínua do sistema de coleta, que deverá estar pronto a emitir cartas-padrão tão logo surja uma fonte ainda não contactada, que passa, nesse momento, a constar do mapa de acompanhamento e controle. (Figura 2)

Contato			Resposta	Doc. Gerada	Acesso	Contato	Periodicidade
1º	2º	3º					

Figura 2 – Mapa de acompanhamento e controle de contatos

Esse acompanhamento e controle são muito importantes nessa fase inicial, já que o volume de contatos é muito grande e o responsável por tal atividade acaba por não ter condições de memorizar as ações já desenvolvidas.

3.2 – Ações permanentes

A estruturação de uma rede de captação de documentos, descrita singularmente por G. G. Queiroz, indica que a obtenção de um único documento gera a localização de vários outros, seja por contato com os autores citados, seja por localização de documentos citados, ou ainda por contato com as instituições mencionadas.

Esse efeito multiplicador de localização de literatura é constante e crescente, e quanto maior for o número de documentos obtidos, maior será o espectro de pesquisa para localização de novos documentos.

Não resta a menor dúvida de que esse é um trabalho de análise permanente, que deve fazer parte da rotina das ações de coleta, dosando-se a intensidade da localização em função das disponibilidades internas de processamento sem, contudo, abandonar, mesmo que temporariamente, o ciclo, já que o esforço do contato é grande e muitas vezes dispendioso, principalmente quando se trata de contatos pessoais.

A motivação no intercâmbio de informações é o ponto essencial para o sucesso da coleta. Isto porque os centros de informações têm uma motivação de coleta intrínseca à sua própria existência, onde o documento é a matéria-prima para a venda de seus produtos. Na outra ponta, ou seja, o produtor do documento (autores, editores e, ainda, os centros colecionadores, bibliotecas, centros de documentação) necessita ter algum tipo de motivação para que o processo de intercâmbio seja completado.

É preciso transmitir a idéia de processo contínuo na troca de informações e não, simplesmente, solicitar eventualmente e agradecer gentilmente o envio de uma ou outra publicação.

As vantagens apresentadas por esse sistema de troca vão desde a satisfação de ter a publicação incluída na base de dados, editada em bibliografias impressas e posteriormente citada por outros autores, até a utilização dos serviços prestados pelo centro de informações, com serviços adicionais aos comumente oferecidos.

É evidente que para motivar alguém deve-se, em primeiro lugar, motivar a si mesmo, no sentido de absorver o espírito do trabalho em que se está envolvido e, assim, apresentar soluções imediatas às várias situações que se apresentarem.

As pessoas e grupos, principalmente no Brasil, têm características próprias, sensibilizam-se de maneiras diferentes e possuem interesses os mais diversos, que têm que ser absorvidos pela equipe que trabalha na coleta de literatura, gradativamente, de modo a não universalizar em excesso os padrões de contato com as fontes produtoras de literatura.

O autor, por exemplo, se motiva por realização pessoal/profissional, de reconhecimento da comunidade por seu esforço intelectual e, normalmente, atende com agrado a solicitações de cópias de seus trabalhos.

Os editores buscam um intercâmbio mais comercial, direta ou indiretamente, no sentido de aumentar a procura por seus serviços, e só a inclusão de suas publicações em índices e bibliografias já é um fator de promoção, atestando um padrão de qualidade que mereceu ser citado e incluído na memória literária, revertendo em aumento de clientes.

As bibliotecas e centros de documentação ligados ao tema energia devem ter como motivação principal a utilização dos serviços prestados pela base de dados, no sentido de usufruir de instrumentos mais ágeis para o atendimento de seus próprios usuários.

Em todos esses casos, e para cada um deles, a comprovação do intercâmbio deve ser sempre mantida, enviando-se cópias das bibliografias e material sobre os serviços prestados pelo centro de informações, em função de obter duas ações básicas: a manutenção do cliente/fornecedor de *input* para o sistema e a inclusão desse cliente nos serviços prestados pelo centro, ampliando o número de usuários, o que é extremamente saudável para a vida da base de dados.

3.2.1 — Busca sistemática

Tal como colocado na matriz de localização do documento primário, cada fonte de informação requer procedimentos de localização, contato, obtenção e controle distintos.

A partir do mapa de acompanhamento e controle das instituições-fonte de informação, e à medida que este vai sendo completado, podemos passar a controlar as épocas de divulgação de documentos por parte de suas fontes. (Figura 3)

Utilizando-se os recursos da central de processamento de dados, tal controle pode ser feito mecanicamente, mediante atualizações em uma matriz que relacione a fonte de informação com a época provável de divulgação de documentos e, ainda, o tipo de contato mais interessante. No caso de contato por correspondência, deverá ser incluído código do texto-padrão para emissão automática.

Vale ressaltar que esse controle não invalida nem elimina os controles específicos de cada tipo de documento (Kardex, autor-título-instituição).

Com relação à antecipação ou à tentativa de se adiantar à publicação e edição da literatura para inclusão de *preprints*, texto em prova, etc., considera-se que o início da formação de uma base de dados não é indicado para concentrar esforços neste particular, pois ainda não se está em condições de dominar totalmente a produção literária do campo energia, no Brasil. No futuro, certamente, quando houver limitação de idade dos documentos para *input* na base de dados e esta deixar de considerar a literatura retrospectiva, essas ações deverão ser consideradas. F. W. Lancaster (2) discorre sobre a acessibilidade da informação na pesquisa cien-

tífica em processo através de vários canais de informação, o que poderá embasar tais ações.

Produção Periódica	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Código Contato
Relatórios Anuais (Instituições)													
Títulos Assinados													
Catálogos Livrarias													
Catálogos Bibliotecas													
Congressos													

Figura 3 – Calendário de eventos

Código de Contato

P – Contato Pessoal

T – Contato Telefônico

C – Correspondência

3.2.2 – Localização assistemática

Alguns documentos ou fontes são essencialmente mais ricos em informações do que outros, mas todos, normalmente, contêm informações relevantes para a coleta.

Neste particular, deve-se ter em mente que a análise do documento, quando de sua seleção para a entrada na base de dados, é fundamental para impulsionar o ciclo da coleta.

O espírito de pesquisa deve estar presente no responsável pelas ações de coleta, de modo que não se percam informações que podem representar, às vezes, o trabalho de coleta de um mês, como, por exemplo, o anúncio de um congresso a se realizar ou a publicação de um novo periódico, ou mesmo a referência de uma instituição que se descubra produtiva.

Analisando alguns documentos vemos que seus conteúdos informativos são de extremo interesse para a coleta:

a) Relatórios de Atividades

- linhas de pesquisa;
- lista de pesquisadores;
- currículos dos cursos oferecidos;
- lista de publicações;
- teses defendidas;
- reuniões e congressos patrocinados pela instituição;
- reuniões e congressos dos quais participaram membros da instituição.

b) Periódicos

- agenda de eventos (congressos, reuniões, feiras e exposições);
- lançamento de livros;
- programas de cursos;
- editores.

c) Artigos de periódicos, monografias* e anais de congressos

- autores;
- citações bibliográficas;
- instituições;
- congressos e reuniões.

Neste sentido, todas as informações encontradas, quando da análise, devem alimentar o Quadro de Acompanhamento e Controle das instituições-fonte e o Calendário de Eventos.

Dada a diversificação do campo energia, e reforçando a idéia da necessidade de motivação, é importante que não só o responsável pela coleta esteja atento às

* Livros, relatórios técnicos, teses.

possíveis fontes de informação, mas todos os integrantes do centro de informações e, principalmente, os indexadores, que têm, forçosamente, um tempo maior para a análise do documento.

É preciso, portanto, formar uma rede de troca de informações internas, onde qualquer informação que possa vir a ser de relevância para a coleta seja passada a seus responsáveis, formando, assim, um canal informal útil não só às atividades de coleta, mas que integre todas as atividades do centro de informações, como um sistema.

3.3 – Usuários do sistema

Os usuários dos serviços oferecidos por bases de dados são sempre potenciais fontes de informação como autores de trabalhos ou, ainda, como membros de um colégio invisível, onde a troca de experiências se dá no plano informal, habilitando-os a indicar outras fontes de interesse para a base de dados.

Os contatos com esses usuários devem ser revestidos de um caráter bastante personalizado, por um lado e, por outro, poder-se-ia pensar em lembretes automatizados, que sairiam nas sanfonas de SDI, solicitando permanente colaboração no envio de trabalhos e indicação de outras fontes pertinentes ao escopo oferecido pela base de dados (tal como aparece nas contas de luz, telefone, etc.).

Um grande impulso na coleta pode ser dado com pesquisadores que estão desenvolvendo dissertação de mestrado/doutorado. Esse tipo de fonte de informação é extremamente eficiente, já que os interesses são mútuos quanto à descoberta e ao fornecimento de literatura.

Além disso, estudos de produtividade de autores servem, ainda, para determinar áreas prioritárias de desenvolvimento e aceleração da coleta de literatura, assim como classes de interesses por uso e aplicação da informação, ajudando na avaliação dos próprios serviços oferecidos, como foi mencionado anteriormente.

4. PROCESSOS DE AQUISIÇÃO

Finalmente, Marek descreve muito bem as alternativas para a aquisição do documento primário: compra, intercâmbio, doação, depósito e empréstimo, acrescentando a análise, *in situ* nas bibliotecas e centros de documentação, como sintetizado na figura 4.

Comunicação recebida em 16.10.85

Abstract:

Methodology of collection of documents for the construction of bibliographical data-bases

Describes the sequence of actions involved in collecting literature for the creation and maintenance of bibliographical data-bases in the field of Energy. The literary production of the energy sector, the choice and determination of the segments of this production and the potential users of the information system, are considered.

Características Processos	Tipo de Literatura (mais comum)	Acesso	Observações
Compra	Convencional	Antecipar a obtenção mediante contatos freqüentes com editores. Empréstimo de cópias para indexação.	Alto custo
Intercâmbio	Não-convencional	Ampliação do contato com as instituições	Doc x doc doc x produtos
Doação	Convencional não-convencional	Participação em eventos: feiras, exposições, conferências	Relações informais
Depósito	Não-convencional	Difícil acesso - caráter arquivístico	Documentos gerados internamente
Empréstimo	Convencional não-convencional	Formação de redes de bibliotecas	Baixo custo uso de cópias
Análise <i>in situ</i>	Convencional	Deslocamento a bibliotecas e centros doc.	Tarefa efetuada pelo indexador para descobrir artigos em fontes dispersas

Figura 4 – Processos de aquisição da literatura

CONCLUSÃO

O ponto mais importante no esforço de coletar literatura para a formação de bases de dados bibliográficos diz respeito, portanto, às ações iniciais e às ações permanentes, onde a equipe responsável por esta atividade deverá pautar-se por uma disciplina rígida quanto à atenção a novas fontes de informação e ao controle dos contatos efetuados.

Desde que o campo de atuação seja bem delimitado e as ações de coleta da produção literária estejam dinamizadas e controladas sob forma contínua, o efeito multiplicador de cada busca se encarregará de aumentar os itens bibliográficos em proporção considerável, a fim de manter alimentada a base de dados e contribuir para a vida do serviço de Disseminação Seletiva de Informações.

REFERÊNCIAS

1. FONTES DE INFORMAÇÃO EM ENERGIA NO BRASIL. Brasília, CNPq/IBICT, 1982. 174p.
2. LANCASTER, F. W. **Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo.** *Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, 4(2): 109-17, 1975.
3. MAREK, D. Organizing input collection. In: INIS, Rio de Janeiro: Papers . . . (Special Seminar Session for Latin American, 1981).
4. QUEIROZ, G. G. de. **Fonte. Base de dados bibliográficos em fontes de energia.** Trab. apresentado no 12º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Camboriú, Santa Catarina, 1983.
5. QUEIROZ, G. G. de. **Metodologia para a coleta de informações para a formação da bibliografia brasileira de energia nuclear** (Notas de trabalho). Rio de Janeiro, Centro de Informações Nucleares, 1981.
6. POSNETT, N. W. & BAULKWILL, W. J. Working with non-conventional literature. *Journal of Information Science*, 5(1982): 121-30, dec. 1982.
7. UNESCO. **A preliminary study on an international information system relating to new and renewable energy sources.** Belgrade, 1980. (General Conference 21º session – 21c/ INFO 10).